

**Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de
Caratateua/Pa**

Letter practices of disabled people In a Caratateua island /Pa

Josivan João Monteiro Raiol
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR
São Carlos-São Paulo-Brasil
José de Anchieta de Oliveira Bentes
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas de letramento de duas pessoas com deficiência na região das ilhas do município de Belém (PA). A pesquisa partiu da seguinte questão: Quais as práticas de letramento destas pessoas com deficiência? Como estratégia metodológica utilizou-se entrevistas das pessoas com deficiência e dos responsáveis, registro fotográfico, observação *in lócus* e levantamento bibliográfico. As práticas de letramentos foram classificadas em Autônomo e Ideológico, a partir dos pressupostos teóricos de Brian Street, com a predominância de práticas de letramento autônomo.

Palavras-chave: Educação Especial; Práticas de Letramento; Pessoa com Deficiência.

Abstract

The present research aimed to analyze the literacy practices of two people with disabilities in the region of the islands of the Belém city (PA). The research starts with the following question: What are the literacy practices of these people with disabilities? As a methodological strategy was used interviews with disabilities people and those responsible for photographic records, in loco observation and bibliographic survey. The literacy practices were classified in Autonomous and Ideological, based on the theoretical assumptions of Brian Street, with the predominance of autonomous literacy practices.

Key-words: Special Education; Practices of Literacy ; Person with Disabilities.

1. Introdução

A presente pesquisa traz análises sobre as práticas de letramento de duas pessoas com deficiência do bairro “Colônia do Fidélis” na Ilha de Caratateua em Belém/Pará e as possíveis relações entre as concepções de deficiências de seus familiares e suas práticas.

O interesse pela temática partiu das experiências profissionais dos pesquisadores entre os anos de 2009 a 2011, como docentes no Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC). Essas experiências já delimitavam os questionamentos quanto aos letramentos que são considerados na escolarização, pois a realidade vivenciada auxiliou na problematização do processo de invisibilização das pessoas com deficiência no que tange as formas de aprendizagem, acesso ao currículo, à língua e tantas outras heterogeneidades a que estão submetidos. Em função dessas vivências, alguns questionamentos surgiram: como são elaborados os letramentos? Quais as práticas sociais das pessoas com deficiência? Quais as concepções sobre as pessoas com deficiência emergem na sociedade?

A fim de revelar como os sujeitos da pesquisa, pessoas com deficiência percebem sua realidade, como constroem seus padrões de vida e como por intermédio de suas (inter)ações estabelecem valores, crenças, ideias e sistemas simbólicos significativos buscamos compreender quem são, com quem interagem, quando, onde e que condições estabelecem o uso de diferentes instrumentos de letramentos e/ou de multiletramento, de modo a entender o fenômeno dessas práticas enquanto pesquisadores.

Dessa maneira a pesquisa qualitativa aborda questões que auxiliam no processo de exploração desses fenômenos. Sobre pesquisa qualitativa Chizzotti (2009) aponta:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 2009, p. 79).

Diante das possibilidades de exploração do caráter qualitativo, esta pesquisa foi composta basicamente por dois procedimentos metodológicos: observação participante e entrevistas.

A observação foi uma ferramenta que possibilitou descortinar novos direcionamentos e enfoques ao longo do processo de levantamento de dados dentro da

comunidade. Nesse sentido Minayo (2009) evidencia que este instrumento tem a capacidade de colocar os pesquisadores em contato direto com o fenômeno, de modo que nesse processo eles podem tanto modificar quanto serem modificados pelo contexto.

Dadas as especificidades da observação, utilizamos também como técnica a entrevista que para Minayo (2009) pode ser entendida não como uma conversa despreziosa e neutra, mas como meio de coleta dos fatos diante da realidade e/ou do fenômeno estudado.

Logo, considerando estes aportes e por meio das estratégias metodológicas esta pesquisa se propôs a analisar as práticas de letramento de duas pessoas com deficiência e a relação das concepções de deficiências com as práticas de letramentos e a maneira como se constituem. Para tanto, nos pautamos em aportes teóricos de Brian Street.

2. Novos estudos sobre letramento

A fim de compreender os novos estudos sobre o letramento por meio de uma perspectiva social, pautamos esta investigação nos pressupostos teóricos de Street (1984; 2003; 2014), Kleiman (1995a; 1995b), Soares (2003, 2004).

Tendo como objeto de pesquisa as Práticas de Letramento e como sujeitos pesquisados pessoas com deficiência da Colônia do Fidélis na Ilha de Caratateua/Pa, os conceitos que nortearam essa investigação partem inicialmente dos pressupostos da *New Literacy Studies* (NLS). Esses estudos compreendem um conjunto de conceitos teóricos sobre o letramento e têm fundamentos políticos, sociais e antropológicos que consideram a pluralidade na concepção e realizam uma interface entre Linguagem, Antropologia e Educação. Acerca do termo *New Literacy Studies*, eles.

representam uma nova tradição em consideração à natureza do letramento, contemplando não apenas a aquisição de habilidades, como acontece nas abordagens dominantes, mas antes no que significa pensar sobre o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando de acordo com tempo e o espaço, mas também impugnados por relações de poder. (STREET, 2003, p 77).

Analisar a concepção de letramento por meio das práticas sociais é questionar as abordagens dominantes. Tal questionamento implica no reconhecimento de práticas letradas que variam de acordo com o tempo e espaço e estão intimamente ligadas com as relações sociais existentes: a forma como enxergamos o mundo, os mecanismos de valoração, os quais estão relacionados com os ambientes sociais e históricos.

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa
Segundo Soares (2004), os Novos Estudos sobre Letramento, realizados sob uma perspectiva social e etnográfica, emergiram nos anos de 1990, trazendo “além de novos princípios e pressupostos teóricos, alguns instrumentais para a análise do fenômeno do letramento” (SOARES, 2004, p.104). Esses novos conceitos analisam as práticas letradas do ponto de vista social, a fim de identificar o letramento enquanto fenômeno que passa a fazer parte da vida de indivíduos em seus contextos locais.

Dessa forma o conceito de letramento se amplia e se diferencia de outro fenômeno chamado alfabetização. Essa perspectiva possibilita diferentes análises e considera a existência de outros tipos de letramentos que se constituem em diferentes espaços. Porém, historicamente o termo “letramento” esteve associado à ideia de alfabetização, logo aquele que não era letrado, era considerado analfabeto, pensava-se outrora.

As novas conceitualizações surgem a partir das necessidades sociais, a palavra letramento tinha esta conotação em virtude do não reconhecimento deste enquanto fenômeno. À medida que o analfabetismo vai sendo superado, um novo fenômeno emerge e necessita ser nomeado.

De acordo com Kleiman (1995a), “o letramento é considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder” (KLEIMAN, 1995a, p. 11). Ao compartilharmos destas concepções, a análise passa a ser do letramento enquanto fenômeno presente no cotidiano de pessoas que se envolvem em diversas práticas, pois compartilhar de informações em jornais, tecnologias, músicas, artes, de certo modo significa apresentar certo “grau” de letramento, haja vista que os sujeitos estão imersos em um mundo letrado. Se bem que agrupar pessoas em grau é de um determinado tipo de perspectiva que desvaloriza os eventos e as diversas práticas sociais, de que participam.

O modelo ideológico e o autônomo de letramento

A compreensão do letramento como prática social possibilita profunda discussão das diversas concepções e modelos interpretativos do letramento que são utilizados por cientistas, instituições, políticas públicas, profissionais da educação, grupos sociais, mídia. Dessa maneira para Street (1984) os estudos que abordam a dimensão individual de letramento podem ser denominados de autônomo, geralmente fazem relação com a escrita

alfabética supondo um maior desenvolvimento cognitivo e a dissociação das funções interpessoais, a fim de criar um uso mais objetivo e científico da linguagem.

As concepções de modelo autônomo aparecem ligadas aos ideais de letramento como progresso econômico, mobilidade social e objetiva construir um modelo de sociedade, em que haja homogeneização do letramento.

Street critica a concepção do letramento como meio de desenvolver as capacidades cognitivas “visão dicotômica entre fala e escrita, a concepção dominante que reduz o letramento a um conjunto de capacidades cognitivas, que pode ser medidas nos sujeitos” (STREET, 2014, p. 9).

O letramento “é uma variável contínua, e não discreta ou dicotômica” (SOARES, 2003, p. 71). Igualmente, são de natureza heterogênea os diversos fatores contextuais, sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos que concorrem para determinar seus múltiplos significados. Como afirma Soares (2003):

[...] letramento é também um contínuo, mas um contínuo não linear, multidimensional, ilimitado, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos (SOARES, 2003, p. 95).

As concepções de letramento que são constituídas a partir destes diversos fatores se entrelaçam com a questão exposta nesta investigação, pois consideramos que a maneira como enxergamos o outro, nos diz diretamente acerca das possibilidades que os valorizamos, que os aceitamos. Sobre isso podemos considerar que os familiares de pessoas com deficiência auxiliam nesse recorte ao ajuizar valores relacionados à concepção de deficiência, neste processo analisamos que esta valoração se internaliza e reflete diretamente nas práticas de letramentos.

Segundo Street (2014, p. 37) “os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de apreender os novos letramentos fornecidos [...]” concepções que criticam a homogeneização do letramento, a invisibilização das diversas práticas sociais, a marginalização dos saberes locais. Em contrapartida a este modelo autônomo de letramento, Street (2014) sugere que as habilidades podem ser consideradas a partir do conceito de letramento ideológico.

Partindo desses pressupostos, Street (1984) defende a ideia da dimensão social do letramento. De acordo com o autor o letramento ideológico pontua o conceito que práticas

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos. Segundo esse modelo, o letramento é entendido em termos de práticas sociais e ideologias, baseando-se na compreensão de que a escrita não é neutra; pelo contrário, é envolvida por diferentes significados sociais.

Street (2014) defende que as consequências do letramento estão intimamente ligadas com os processos sociais mais amplos. As determinações de letramento resultam de uma força particular de transmitir e de reforçar valores, crenças, tradições e a manutenção e distribuição de poder.

Dessa maneira, consideramos compreender o letramento enquanto fenômeno a partir da natureza, da estrutura e do contexto social específico no qual ele ocorre, a fim de considerar a historicidade e a cultura local como pertencente do processo de construção dos letramentos.

Pode-se afirmar que as ações de letramento são social e culturalmente determinadas, assim, os significados que as práticas de letramento assumem para um grupo social depende do contexto e das instituições em que ela foi adquirida (KLEIMAN, 1995b, p. 21).

Conforme ressalta Galvão (2004) há diversas instancias que necessitam de um certo desempenho proficiente na leitura e na escrita, dentre as quais, o trabalho, o sindicato, o partido, a igreja, a biblioteca do bairro, a associação, o clube. Logo, as práticas de letramento são diferentes experiências vivenciadas em processos formais ou não formais de aprendizagem.

Não estamos com isso desconsiderando o lugar social ocupado pela escola como a instituição em que, por excelência, ocorre o aprendizado da leitura e da escrita, acreditamos que o acesso ao mundo letrado também pode ocorrer em outras instâncias não formais. Além disso, consideramos as particularidades que envolvem os sujeitos da pesquisa.

3. O cotidiano das pessoas com deficiência no bairro “colônia do fidélis”

A vida de Anderson e de Michel, que são os nossos dois participantes da pesquisa, está dedicada ao convívio com seus familiares e amigos, que se intercala entre os espaços do bairro: a casa, a escola e a igreja. Estes espaços propiciam o surgimento de práticas de letramentos que se relacionam com o contexto social dos sujeitos, a constituição histórica do bairro e dos moradores.

A vivência entre os moradores da “Colônia do Fidélis” anuncia a estreita relação que se estabeleceu ao longo dos anos. Relação que é compartilhada nas dificuldades

enfrentadas no que se refere ao acesso à saúde, à educação, ao saneamento e que diante das problemáticas suscitam uma íntima relação.

Essa troca de saberes entre os sujeitos da localidade possibilita a análise do contexto local como sugere Street (2014) a fim de questionar o letramento monolítico, único, cujas consequências para os indivíduos sejam inferidas como resultados.

Considerando este pressuposto, durante o período investigativo, foi perceptível que os moradores se conhecem enquanto sujeitos e compartilham de seus cotidianos seja no âmbito religioso, profissional, amoroso e/ou político.

Diante das concepções que são constituídas dentre estes sujeitos, a pesquisa se deteve em analisar as práticas de letramento dessas duas pessoas com deficiência – Anderson e Michel. Para tanto foi necessário o contato com familiares, professores e outros moradores a fim de consolidar este processo de construção do fenômeno investigado, porém além de considerar estes aspectos sociais foi relevante perceber as maneiras que os familiares enxergam seus filhos, a relação que estabelecem com a pessoa com deficiência, as limitações, os mitos, os paradigmas que estão imbricados neste processo histórico.

Com dezesseis anos de idade Anderson é morador do bairro do Bairro há seis anos. Atualmente cursa o 4º ano do ensino fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” no turno da tarde, realiza AEE na mesma escola, no contraturno da turma do 4ª ano, ou seja, pela manhã, com a professora Márcia.

Com treze anos Michel também é aluno da mesma escola. Cursa o 5º ano do ensino fundamental no turno da manhã e realiza o AEE, no período da tarde, com a professora Michele.

Ambos os sujeitos possuem laudo de deficiência intelectual e residem com seus respectivos familiares. Nos dois casos, a organização familiar possui a figura do pai, da mãe e do(s) filhos. Outra característica em comum é que os dois participantes desta pesquisa frequentam igrejas evangélicas. Anderson participa de uma igreja de denominação neopentecostal, enquanto que Michel de uma igreja cuja denominação é pentecostal.

3.1 Evento 1: “Eu trato ele como normal”

Com relação a Michel, os discursos que descrevem a história de vida e os contextos sociais que o sujeito compartilha possibilitam compreender as diferentes relações e práticas sociais construídas por essa pessoa com deficiência.

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa

Evento 1

Pesquisdor (PE): E pra você seu Benedito, como foi quando veio à tona a deficiência do Michel, ele é o filho mais velho né?

Benedito (BE): Na verdade pra mim eu acho que tratam como problema, pra mim não, eu trato como normal, por que de uma forma ou de outra é filho né, então não importa assim se tem problema se não, a gente vai tratar normal, eu não posso assim tá acompanhando né, por que às vezes até sábado eu trabalho, é mais dia de domingo mesmo, hoje era pra eu tá trabalhando, mas deu certo de encontrar aqui, mas eu trato meu filho com uma pessoa normal ele vai ser amado da mesma forma (BENEDITO, entrevista realizada em maio de 2016).

Neste evento tivemos a concepção que seu Benedito tem acerca da condição de deficiência de Michel. Sua concepção é de que ser uma pessoa com deficiência é ser “normal”. Outras pessoas tratam seu filho como “problema”, mas ele o trata como “normal”.

Há duas possibilidades de interpretação desse discurso do seu Michel.

Uma primeira interpretação é que a anormalidade é uma lesão que precisa ser corrigida, curada. O corpo anormal precisa ser reabilitado em uma clínica, portanto é tratado como paciente, que precisa ser curado, portanto tem um problema. O objetivo do tratamento, a cura é a normalização desse indivíduo. Portanto, quando se utiliza o termo normal, sugere-se que o indivíduo foi curado da lesão.

Nessa interpretação, o uso corrente do termo “normal” tem um sentido eufemístico de suposta aceitação, uma vez que mascara a normalidade, curando a deficiência, padronizando o sujeito, por isso que o responsável por Michel diz que ele, seu filho, é “normal”.

Uma segunda possível interpretação é que o Seu Michel não considera seu filho como monstro, com um ser a ser corrigido, curado, ele o considera como ele é, e chama isso de “normal”, contradizendo a ideologia dominante de normalidade. Neste sentido, seu Benedito o aceita como ele é, não precisa ter rendimento intelectual, físico e comportamental dentro do considerado “normal”. Nesse caso o termo tem uma conotação de aceitação incondicional. Normal significaria “como ele é”.

Enquanto os “outros” atribuem características negativas a deficiência, como problema, incapacidade, feiura, pesadelo, castigo divino etc. o pai de Michel atribui como “normal”.

Parece ser este o caso. Vamos admitir esta interpretação em função do pai reconhecer a existência de discriminação, ele não discrimina.

Fazem parte desta cena o seu Benedito e seu filho Michel. Não consideramos os outros sujeitos referidos por seu Benedito que são criticados por discriminarem seu filho.

A valoração de tratamento atribuída a pessoa com deficiência sugere o reconhecimento, a aceitação da deficiência, não tendo a intenção de normalizar.

A realidade é modificada ideologicamente com os discursos de igualdade e de normalidade, acarretando práticas escolares que não acarretam mudanças sociais. A identidade das pessoas com deficiência continua, nesta concepção sendo considerada como fixa, baseada em modelo médico (BENTES; SILVA; HAYASHI; 2016, p. 807).

Quadro 1 - Sumarização do evento 1 “eu trato ele como normal”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Pai em relação a Michel	“eu trato como normal”	Oralidade e pessoa com deficiência	Alteridade

Fonte: elaboração dos autores, 2017

3.2. Evento 2: “Ele ainda é um bebê”

Há no senso comum a ideia de que pessoas com deficiência não desenvolvem interesses para com a sexualidade. Os discursos estereotipados sobre a sexualidade das pessoas com deficiência impedem que vivenciem seus desejos e sejam protagonistas de suas escolhas.

O evento dois trata do posicionamento da mãe para com a sexualidade do filho com deficiência intelectual:

Evento 2

PE: Nenhuma relação ainda? Relacionado à sexualidade? Já despertou interesse para esta situação?

SA: Ele ainda é um bebê é uma criança ainda, não tem que pensar nada disso, ele ainda é um bebê, só estudar mesmo (SANDRA, entrevista realizada em maio de 2016)

Neste evento tivemos como participantes a mãe, Dona Sandra, e seu filho Michel, de 13 anos.

A percepção que a mãe tem de seu filho é de que é um “bebê”, que tem uma essência de inocência de que não pensa sobre e não pratica nenhuma atividade sexual. Essa percepção é em decorrência da crença em uma suposta imaturidade que nunca é alcançada por parte das pessoas com deficiência intelectual, que é permanentemente atribuído a sua condição. Essa percepção se resume ao discurso “Ele ainda é um bebê é uma criança ainda”.

A falta de informação pode ser a causa dessa sua representação ideológica de que seu filho é um “bebê”. Uma informação que contraste a essa sua de que seu filho “ainda é

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa um bebê” poderia vir da escola. Ferreira (2008) argumenta acerca da importância do papel da educação no esclarecimento das questões de gênero e sexualidade das pessoas com deficiência. Para a autora, abrir este diálogo significa diminuir as chances de vulnerabilidade e abuso sexual que estas pessoas estão propícias a sofrer.

O processo de empoderamento poderia contribuir para romper com as representações negativas a esse respeito, sendo que quanto mais empoderada está uma pessoa, menos vulnerável ela estará a representações negativas.

Nessa cena a mãe utiliza-se de uma representação, ou seja, um discurso que circula na sociedade que tem como função justificar suas atitudes. Suas atitudes são de não aceitar o filho como ele é, de não aceitar a possibilidade do filho se masturbar, de ter uma namorada, de casar. É um discurso que oprime qualquer possibilidade de assumir uma identidade de sujeito com treze anos, uma vez que para Dona Silvia, Michel é “um bebê”.

Agrupamos esse discurso da Mãe de Michel na categoria de “opressão sexual” Isso porque, a representação da mãe sobre a sexualidade do filho é de ausência. Na sua visão a sexualidade está confinada aos adultos, aos não-deficientes.

Assim, seu filho não possui sexualidade, não sabe nada de sexo, não sente prazer sexual, não vai ter vínculo e relacionamento algum afetivo, não tem capacidade de procriação.

O quadro 2 sumariza essas informações.

Quadro 2: Sumarização do evento 2 “Ele ainda é um bebê”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Mãe em relação a Michel	“ele ainda é um bebê”	Oralidade e pessoa com deficiência	Opressão sexual

Fonte: elaboração dos autores, 2017.

3.3 Evento 3: “Eu olho a capa do play e vou desenhando”

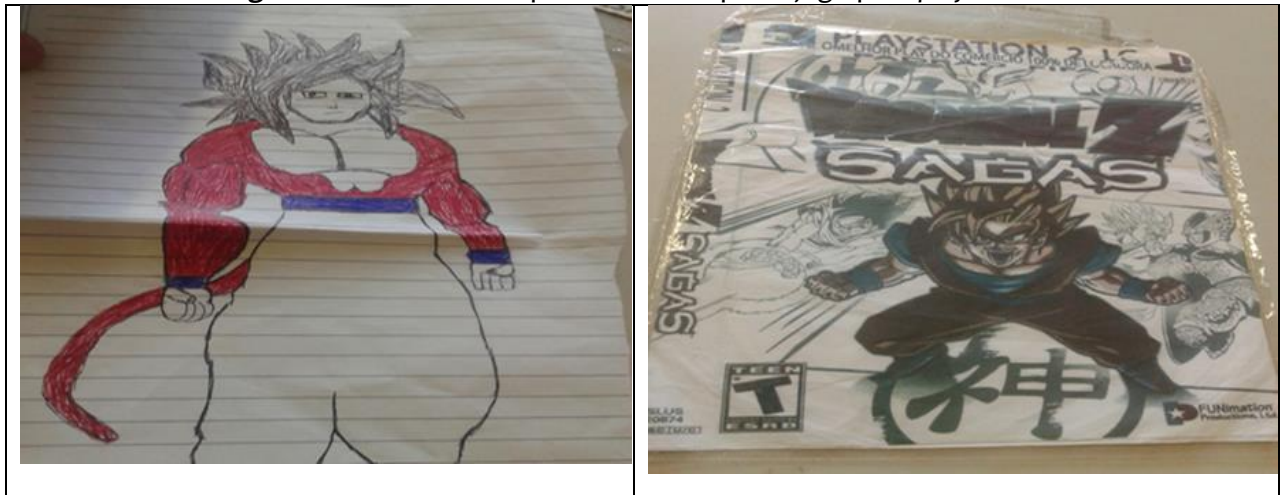
Segundo Michel, a figura 1 faz referência ao desenho *Dragon Ball Z*, e o personagem que ilustra a capa do CD se chama *GoKu*. *Dragon Ball Z* é uma série televisiva de animes japoneses com episódios de suspense e drama.

O desenho de *Dragon Ball*, conforme pesquisa realizada na *Wikipédia*, surgiu como mangá no ano de 1988 e foi publicado até 1995, escrita por Akira Toriyama, em 42 volumes, totalizando 519 capítulos. Estreou no Japão como desenho animado ou anime em 1989 – até o ano de 1996. *Dragon Ball Z* é a continuação do *Dragon Ball*, ou seja, os volumes 17 ao 42 do mangá.

Apareceu na TV aberta brasileira em 1996, na emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Em 1999 estreia em um canal fechado – *Cartoon Network*. Na Televisão aberta – a Bandeirante (BAND) – em 2000 aparece o filme *Dragon Ball Z*. E em 2001 estreia na Rede Globo de Televisão, tornando-se um dos desenhos animados mais conhecidos pelo público infanto-juvenil.

As imagens obtidas com Michel foram as seguintes:

Figura 1 – Desenho feito por Michel e Capa de jogo para play station



Fonte: arquivo pessoal dos autores – outubro de 2016

Da entrevista a respeito dessas imagens surgiu o evento 3.

Evento 3

PE: Como tu consegue fazer esses desenhos?

MI: Eu olho a capa do play e vou desenhando

PE: Mas tu copia, coloca o desenho por baixo?

MI: Não, só olho mesmo

[...]

MI: Não sei ler, mas acho que é chinês.

PE: Por que tu acha que é chinês

MI: Por que sim (MICHEL, entrevista realizada em maio de 2016)

Neste evento obtivemos duas imagens com Michel, que foram colocadas uma ao lado da outra. A primeira, à esquerda, é a representação do personagem Goku com uma camisa de manga longa na cor vermelha; nos punhos e na cintura apresentam a cor azul, cabelos compridos na cor preta. O desenho foi feito por Michel em uma página de papel de caderno, portanto as pautas estão aparentes.

Ao lado direito a imagem da capa do jogo *Dragon Ball Z* para *Play Station*, com a ilustração do personagem Goku como se estivesse sobrevoando ao lado de outro

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa personagem do desenho em fundo branco. Acima da capa algumas palavras em inglês, ao centro os dizeres “O melhor play do comércio 100% de locadora”. Abaixo dois símbolos de língua oriental e na esquerda, palavras em inglês.

Neste evento tivemos as ocorrências: Michel e o desenho, Michel e a escrita.

As valorações neste evento emitem relação com a habilidade do pesquisado em desenhar “eu olho a capa do play e vou desenhando”. Na imagem as representações estão direcionadas sobre o significado e a origem da escrita na capa do jogo.

Apesar de não ser alfabetizado, Michel utiliza outros mecanismos para compreender o contexto letrado e abre discussões acerca de um dos mitos do letramento que atribuem àqueles que não dominam o código escrito serem incapazes de raciocinar logicamente e de inferir significados a informações, no entanto contrariando este mito, Michel, pessoa com deficiência intelectual, realiza inferências, atribui significados e deduções às imagens.

Toda a conjuntura que perpassa entre o oral, a produção de desenhos, o uso de tecnologias como *play station* contribuem de forma significativa para construção de multiletramentos.

A prática do desenho e as suposições que Michel faz sobre o símbolo linguístico sugerem respectivamente a presença de multiletramentos e letramento ideológico. O desenho representado por Michel sugere a importância de se considerar estas habilidades como suporte nos estudos de letramentos, haja vista a possibilidade em enaltecer aspectos pertinentes ao contexto social do pesquisado, bem como em se considerar as inferências feitas por ele. Logo, o letramento pode ser considerado como um conjunto de práticas sociais nas quais significados e sentidos de certos conteúdos codificados culturalmente são gerados, disputados, negociados e transformados (BUZATO, 2010)

Para Kleiman (1995b), o letramento surge para explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas escolares. Logo, partindo desse pressuposto as representações comunicativas, em desenhos devem fazer parte das práticas de letramentos, pois representam um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e escrita não apenas em contextos formais.

Street (2014) sugere que os letramentos locais são demasiadamente substanciais para serem apenas “acomodados” em um modelo único – o modelo autônomo – diferentemente da perspectiva ideológica que analisa o poder que as interações social e cultural possuem de produzir letramentos, esta conceitualização permite considerar como

mostra a imagem 1 (anteriormente posta), a habilidade em desenho de Michel como práticas de letramentos.

Agrupamos este evento na categoria alteridade, em virtude de considerar o desenho como letramento e a opinião dada sobre os símbolos gráficos.

Dito isto, apresentamos o quadro que sumariza estas análises.

Quadro 3 - Sumarização do evento “Eu olho a capa do play e vou desenhando”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Michel com relação ao desenho de anime (GOKU). Michel em relação à escrita (símbolos)	“Eu olho a capa do <i>play</i> e vou desenhando” “Não sei ler, mas acho que é chinês”.	Multiletramento Letramento Ideológico	Alteridade

Fonte: elaboração dos autores, 2017

3.4 Evento 4: “tem que estudar pra ser alguma coisa”

Acerca da oferta da necessidade do ensino Anderson emite valoração sobre a importância da escolarização.

Evento 4

PE: Mas tu achas que é importante estudar? Por que é importante estudar?

AN: Por que sim né, pra quando eu crescer ter alguma coisa né?

PE: Então pra ti, estudar é pra quando tu crescer ter alguma coisa, mas tu acha que não tem nada agora? Tu achas que só vai ter se estudar?

AN: Tenho nada, tem que aprender a ler, tem que estudar pra ser alguma coisa, advogado, polícia, empresário (ANDERSON, entrevista realizada em maio de 2016).

As concepções aqui abordadas por Anderson fazem referência à ideia de letramento autônomo como aborda Street (2014), no sentido de compreender a relação entre o patamar ideal de letramento e o conseqüente avanço econômico, progressão social, industrialização, para que as pessoas possam usufruir dos benefícios da modernização. Desta forma, os grupos sociais considerados “iletrados” terão mais desvantagens ou ficarão “atrasados” e não conquistarão mobilidade social, igualdade econômica e política para a participação na ordem social.

A fala de Anderson faz referência ao letramento autônomo no sentido de que somente “pra ser alguma coisa [na vida]” por meio dos “estudos”. Há no senso comum a ideia fixa de que o nível de letramento é o único meio de conquistas, em geral associados à concepção de civilidade, progressão econômica. É difícil se desvencilhar destes conceitos,

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa haja vista que historicamente as práticas letradas aparecem vinculadas as instituições de ensino.

Para Kleiman (1995b) as práticas de escrita sofrem implicações diretas nas relações de poder e de identidade. Relacionamos à concepção de Anderson o fato de que o nível de letramento está entrelaçado com a obtenção de “poder”, “status social”, evidenciando assim a importância das práticas de letramento escolar. Essas concepções de letramento autônomo podem ser percebidas no discurso de Anderson ao ser questionado sobre a importância da escolarização.

As falas pressupõem a necessidade de decodificação dos signos linguísticos, de modo a adaptar-se a um único tipo de letramento, o autônomo, com a visível supremacia da tradição escrita em relação à oral. Nesta situação podemos compreender o letramento como sinônimo de alfabetização e o conseqüente sucesso profissional.

Para Tfouni (2010) nas sociedades industriais modernas ocorre o desenvolvimento científico tecnológico, tal perspectiva de desenvolvimento considera o letramento de um modo singular. Letramento este que está intimamente relacionado aos grupos dominantes que enaltecem o conhecimento ligado nos campos: científico, escolar, acadêmico como única fonte de saber. A absorção deste conceito pelas camadas populares ocasiona uma espécie de alienação cultural e a conseqüente disseminação das ideologias que tem o objetivo de ocultar as contradições sociais e as relações de opressão.

Cabe analisar na fala do entrevistado sobre a importância da escolarização o conceito de poder ligadas a mobilidade social e aquisição da leitura e escrita, pois o mesmo informa que necessita destas habilidades para quando “crescer” poder ter alguma coisa. O crescimento do qual o pesquisado fala pode ser compreendido com a aquisição de estabilidade financeira, haja vista que o mesmo possui 16 anos de idade.

Diante das análises categorizamos este evento em opressão por preconceito.

O quadro 4 sumariza estas informações.

Quadro 4 - Sumarização do evento “tem que estudar pra ser alguma coisa”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Anderson em relação à Escolarização	“pra gente ser alguma coisa na vida, hoje em dia a gente tem que estudar pra quando eu crescer ter alguma coisa né”	Letramento Autônomo	Opressão por preconceito

Fonte: elaboração dos autores, 2017.

4. Considerações finais

O trabalho, aqui proposto, teve como objetivo principal investigar práticas de letramento de duas pessoas com deficiência, a partir da análise das diversas práticas sociais vivenciadas pelos moradores do bairro “Colônia do Fidélis”, na ilha de Caratateua, distrito administrativo de Outeiro em Belém/ Pará. Tendo em vista o contexto sociocultural no qual esses sujeitos estão inseridos buscamos compreender, através do desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa, os diferentes modos pelos quais essas pessoas se relacionam com os letramentos, no intuito de promover discussões que nos levem a conhecer melhor a variedade e constituição dos letramentos.

Para tanto as entrevistas realizadas no bairro assinalaram que o fenômeno do letramento, extrapolando o mundo da escrita. Dessa maneira, salientamos a presença de práticas de letramento atreladas com o aspecto escolar, o que consideramos como acadêmico, no entanto especialmente imbricado nos discursos dos familiares a concepção de deficiência que estes têm dos filhos. Esta relação sócio histórica reflete diretamente nos modos como enxergamos o outro e atribuímos valores a ele.

O distanciamento da instituição de ensino com o contexto social descrito pelos entrevistados afirma o reconhecimento de um modelo de letramento propagado nas escolas. As vivências, experiências da cultura local não foram consideradas em função da prática do modelo autônomo de letramento. Além do que, percebemos nos discursos dos familiares um protecionismo em função dos sujeitos pesquisados serem pessoas com deficiência, o que corrobora com a constatação que a maneira como enxergamos nos diz sobre as práticas de letramentos que são forjadas neste meio.

Desejamos que através deste trabalho outros estudos sobre as práticas sociais. de populações minoritárias possam ser discutidos em outros ambientes, incidindo, sobretudo, no discurso e nas práticas escolares, pois ao reconhecer as práticas de letramento locais, poderíamos ter melhores respostas às necessidades e às preocupações de uma determinada comunidade e, assim, garantir que as práticas culturais desses sujeitos sejam respeitadas e valorizadas.

Referências

BENTES, J. A. O.; SILVA, C. F. C. A.; HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, diversidade e diferença: como o corpo de pessoas com deficiência é visto na atualidade?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, 2016, p. 795-816.

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da ilha de Caratateua/Pa
BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community.** London/New York: Routledge, 1998.

BUZATO, M. E. K. Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, 2010. p. 283-303. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a14.pdf>>. Acesso em 28 dez. 2016.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 10.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DRAGON Ball. In: **Wikipédia.** Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Dragon_Ball_Z>. Acessado em 10 mar. 2017.

FERREIRA, W. B. Vulnerabilidade à Violência Sexual no Contexto da Escola Inclusiva: Reflexão sobre a Invisibilidade da Pessoa com Deficiência. In: **REICE: Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación.** 2008, vol. 6 n. 2. Disponível em: < <http://www.rinace.net/arts/vol6num2/art9.pdf>>. Acessado em 28 dez. 2016.

GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (org.) **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 27-58.

KLEIMAN, A. B. Apresentação. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995a. p. 7-11.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995b. p. 15-61.

MINAYO. M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STREET, B. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: University Press, 1984.

STREET, B. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. Current Issues. In: **Comparative Education.** Comlumbia: Teachers College, Columbia Univesity, vol. 5 (2), p. 77-91, 2003.

STREET, B. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** São Paulo: Parábola, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2006.

Sobre os autores

Josivan João Monteiro Raiol

Possui graduação em pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2009) e Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará (2017). Atualmente é aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Doutorado, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), é professor Educação Especial atuando como formador no Centro de Formação de Profissionais da Educação Básica (CEFOP) pela Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial, atuando principalmente nos seguintes temas: representações sociais, práticas de letramento, pessoa com deficiência, multiletramentos e Formação de Professores.

Fone: (91) 982418870/ (16) 981130692

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3858-2539>

Email: josivan.raiol@gmail.com

José Anchieta de Oliveira Bentes

Possui pós-doutoramento em educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), doutorado em Educação Especial (UFSCAR/2010), mestrado em Letras - Linguística (UFPA/1998), especialização em Linguística aplicada ao ensino-aprendizagem do Português (UFPA/1993) e graduação em Letras (UFPA/1991). Professor adjunto da Universidade do Estado do Pará; atua no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) - Mestrado na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagem e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). Campos de atuação: educação inclusiva; educação de jovens e adultos; Estudos dialógicos do discurso em práticas escolares e não escolares.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1134-3677>

Email: anchieta2005@yahoo.com.br

Recebido em: 25/09/2019

Aceito para publicação em: 27/10/2019